



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Congresso dos Metalúrgicos do ABC**

São Bernardo do Campo-SP, 03 de outubro de 2005

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Matilde, secretária Especial de Política da Igualdade Racial,

Minha companheira Marisa,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, senador Aloizio Mercadante e o deputado federal Arlindo Chinaglia,

Quero cumprimentar os companheiros deputados federais que já foram citados aqui,

Quero cumprimentar o meu companheiro Tarso Genro, ex-ministro da Educação e hoje presidente do Partido dos Trabalhadores, até o PED decidir quem vai ser o próximo Presidente,

Quero cumprimentar os nossos companheiros prefeito João Avamileno, José de Felipe e cumprimentar a nossa querida companheira Marta Suplicy, ex-prefeita de São Paulo,

Quero cumprimentar o companheiro José Lopez Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Quero cumprimentar o senhor João Antônio Felício, companheiro João Felício, presidente da CUT,

Quero cumprimentar o companheiro Grana, presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos,

Quero cumprimentar o companheiro Jorginho, companheiro da Força Sindical que sempre esteve muito, muito próximo, pelo menos das vezes em que eu fui candidato. Mas o Jorginho é um companheiro especial lá para a banda de Osasco, companheiro com quem eu tive a oportunidade de participar



da reinauguração da Cobrasma, que estava há muito fechada e voltou a produzir vagões, porque nós estamos retomando as ferrovias.

O nosso querido companheiro Jair Meneguelli, presidente do Conselho Nacional de Serviços da Indústria, Sesi – quem diria, hein, Meneguelli?

Meu caro Biba, delegado regional do Trabalho,

Meu caro Luiz Cláudio Marcolino, presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo,

Meu caro Carlos Ramiro, presidente do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo,

Minha querida companheira de governo, Miriam Belchior, subchefe da Casa Civil da Presidência da República,

Meu querido companheiro Rafael, secretário-geral e mestre de cerimônia neste Congresso, nesta abertura de Congresso,

Demais companheiros da Mesa,

Companheiros metalúrgicos,

Companheiros participantes do 5º Congresso,

Jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu estou sentido, Feijóo, depois de muitos anos, porque, se vocês não sabem, desde 1968 eu participo de atividades neste Sindicato. De 68 até agora, estamos chegando próximo dos 40 anos. E a primeira Assembléia em que eu participei foi exatamente aqui, neste local, sem esse prédio, porque aqui era um barracão e depois de 72 é que nós começamos a construir esta sede.

Mas só neste salão aqui, neste palco, com esta cara, com aquele buraco lá para a frente, com este mezanino... O som era melhor, eu caprichava mais no som daqui, do Sindicato, ou seja, desde 1973 que eu frequento este salão, aqui, do Sindicato. Não é pouca coisa, não. Já vão fazer 30 anos frequentando, quase o mesmo tempo que eu me casei com a Marisa, quase. Só que o salão



tem mais paciência comigo do que a Marisa, mas, de qualquer forma, já faz muito tempo.

Ou seja, significa o quê? Que mais da metade da minha vida, porque eu entrei no Sindicato com 23 anos de idade, eu vou fazer 60 no dia 27 de outubro, quem tiver disponibilidade para comprar presente eu não rejeitarei. Portanto, mais da metade da minha vida eu freqüentei este ambiente que vocês freqüentam, ou aqui dentro, ou na porta de fábrica.

Segundo, esta é a primeira assembléia que eu venho, no Sindicato, que não está a figura do Janjão aqui. A Marisa comentava comigo – viu, Isalva – “eu não sei o que aconteceu com o Janjão, deve ter ganho na loteria porque...” Está doente? Porque o Janjão é meu compadre, era da Ford, e não teve uma assembléia em que eu via uma foto da Vila Euclides até aqui, e eis quem estava lá: Janjão. E eu não o vi aqui hoje, estranhei.

Vocês estavam falando da carne baixar preço, o único lugar em que a carne não baixou foi a Chuleta do Gigio. Ele continua cobrando o preço como se fosse no governo anterior e não percebe que o preço baixou.

Mas, olhe, essa história da gente falar por último tem um problema sério, depois que falou o Marinho, a Miriam, o João Felício, o Feijóo, ou seja, vai ficar uma mesmice. Eu vou tentar falar pouco para dizer para vocês uma coisa. Vocês atentaram para esta mesa e vocês percebem que a política brasileira teve uma mudança substancial. Porque foi da classe trabalhadora que saiu o presidente da República, foi da classe trabalhadora que saiu o ministro do Trabalho, foi dos metalúrgicos que saiu o presidente do Sesi, foi dos metalúrgicos que saiu o presidente do Sebrae, foi dos metalúrgicos que saiu o delegado regional do Trabalho, foi dos metalúrgicos que saíram uma dezena, não apenas os metalúrgicos daqui. O João Paulo, de Osasco, foi metalúrgico em Osasco e virou presidente da Câmara. Eu estou dizendo esses nomes só para vocês notarem que houve uma evolução muito grande na política brasileira, uma revolução que, historicamente, só aconteceria num processo



revolucionário. Mesmo nos países em que houve revolução, os operários não chegaram ao poder. E nós chegamos. E podemos ocupar muito mais espaços. E por que podemos ocupar muitos espaços? Porque nós aprendemos a fazer o jogo democrático. Nós aprendemos que com um pouco de organização a gente consegue muita coisa. Mesmo que a gente não consiga com a pressa que alguns pensam que a gente pode conseguir, a gente consegue.

Eu não sei se eu já contei, aqui, porque a gente vai ficando velho e vai ficando contador de casos. Mas eu perguntava para o Feijóo: Cadê o Januário? Eu não vi o Januário com a maquininha dele tirando foto, aqui. Mas o Januário teve um tempo que era da comissão de fábrica da Ford e era desconfiado. Ele achava que eu estava ali, na presidência, para enganá-lo. É verdade, então vinha a comissão de fábrica da Ford para discutir o acordo salarial, a reunião com os empresários, e eu sentava ali na minha mesa, ficava conversando com os companheiros, o Januário estava sempre achando que tinha uma sacanagemzinha contra os trabalhadores. Até que um dia eu falei... é uma pena que ele não está aqui, ele está com grana, agora, mas diga que eu contei este caso, aqui. Porque não só o Januário sempre foi muito vivo, muito esperto, muito ousado, ele sempre foi assim uma figura acima da média, mas ele tinha uma certa suspeita de que a gente estava sempre tentando dizer para ele menos do que ele merecia.

Quando foi um dia eu falei: Januário, não tem jeito, você vai negociar. Se você acha que quem vai é frouxo, não consegue tudo que você quer, vai você para a mesa. Aí você com essa sua inteligência muito grande, você vai lá e consegue tudo que nós não conseguimos. Aí ele foi. No dia seguinte, reunião na minha sala, ele: “é, eu acho que você me enganou, me mandou para lá só porque sabe que é difícil”.

Ora, ganhar a Presidência da República como nós ganhamos e fazer as mudanças que precisam ser feitas no país, você não consegue mudar a cultura



de pelo menos quase 200 anos de República com quatro anos de mandato. Muito menos com três anos de mandato. É um processo.

Por isso que no começo do governo eu utilizava muito a questão da criança, não adianta a mulher estar grávida e você querer que o filho nasça. Só vai nascer quando chegar o momento, não adianta ficar batendo na barriga, não, porque não vai...

Na política, as coisas acontecem assim. Tem uma coisa chamada “correlação de força” e nós temos que aprender o significado disso. Cada atitude que nós vamos tomar, nós temos que saber o tamanho dos adversários. Quando a gente manda uma lei, se a gente vai conseguir aprovar, qual é o número de votos que nós temos, quantos nós elegemos, quantos a gente pode compor. Porque, aí, as pessoas falam: “É, mas você não pode fazer aliança com qualquer um”. Ora, meu Deus do céu, se eu tivesse a totalidade das pessoas que eu gostaria de ter, não precisaria fazer aliança. Aliança você só faz porque você precisa de 20, você só tem 10, você precisa arrumar 10. Se você tem 10 contra, não querem vir com você, você precisa procurar 10 que são a favor.

Esse é um jogo que tem que ser compreendido por nós, que é o exercício da democracia na sua plenitude. E, quando a gente vacila, a gente perde. E vocês estão lembrados: em fevereiro, nós perdemos a Presidência da Câmara. Por quê? Porque nós – e quando eu digo nós não estou culpando nenhum adversário – porque nós fizemos o jogo errado.

Muitas vezes nós brigamos muito, internamente. Muitas vezes nós achamos que somos infalíveis. Muitas vezes nós cobramos de nós mesmos coisas que nós sabemos que é difícil de fazer, mas nós cobramos.

Eu não preciso dizer, porque dentro da fábrica vocês fazem isso, nas disputas das comissões, nas disputas dos comitês. Eu tive a pachorra e saí daí zangado, porque na última vez que eu vim na Volkswagen eu vi os companheiros vaiando o Feijóo. Quer dizer, é uma coisa absurda. Quer dizer,



quando você chega a esse ponto é porque você perdeu o rumo da política. Você, ao invés de fazer política, você está colocando para fora um ódio descabido, uma disputa maluca.

Eu dizia para o Tarso Genro, ele era ministro da Educação, nós lançamos a proposta de reforma universitária que não é uma proposta do governo, é uma proposta da sociedade. E eu fiz questão de dizer, no plenário do Palácio do Planalto, com mais de 200 representantes da sociedade civil, da SBPC, da UNE, educadores: “essa proposta não é uma proposta do governo, é uma proposta da sociedade que o governo vai encaminhar”.

Eu fui para Alagoas, cheguei em Alagoas a gente não tinha nem a proposta pronta, meia dúzia de malucos gritando: “contra a reforma universitária. Contra a reforma universitária”. Nem nós tínhamos o projeto... o cara já era contra. Mas tem gente assim, tem gente que é assim.

Ou seja, é importante que tenha gente contra, é importante. Mas para ser contra é preciso se dotar de argumento, se preparar. Porque o que nós fizemos na educação, nesses dois últimos anos, é uma pequena grande revolução, que ainda não está concretizada e, possivelmente, não seja concretizada no meu mandato.

Mas a decisão de fazer quatro universidades federais novas, dentre as quais uma no ABC, a revolução é tão grande que nós decidimos fazer a Federal. O governador de São Paulo já decidiu fazer uma Estadual aqui, em São Bernardo do Campo. Ótimo. Deus queira que tenha outro que queira fazer outra aqui, porque, assim, vou recuperar o prejuízo que nós tivemos, de ser a parte mais industrializada deste país e nunca tivemos uma universidade estadual.

E outra decisão importante, ainda, com o companheiro Tarso no Ministério da Educação, foi levar extensão das universidades rurais para o interior. Sabe, João, tirar da capital e levar para o Vale do Jequitinhonha; levar para Garanhuns, como já fomos inaugurar lá o primeiro curso; levar para Bagé;



levar para o Vale do Jequitinhonha, levar para o Vale do Mucuri; levar para o Recôncavo Baiano; para Diadema um braço da universidade federal. Agora já sei que Mauá quer um também.

Ou seja, aos poucos a gente vai fazendo com que a universidade deixe de ser um privilégio para ser um direito. Mas isso leva algum tempo. Se tudo der certo, como nós planejamos, serão, em quatro anos, 760 mil novas vagas para estudantes neste país, 400 pelo ProUni e 360 pelas federais. Isso é mais do que foi criado em muitos anos neste país, mais. Ora, e nós vamos fazer isto por quê? Porque foi para isso que nós fomos eleitos. Agora, cada coisa que nós vamos fazer depende de aprovação. E aí é que o Arlindo Chinaglia, o Aloizio Mercadante, tem um trabalho exuberante, porque, aqui, é muito fácil a gente falar. Sabe aquele negócio, que a gente está em casa vendo televisão e o jogador perde o pênalti e a gente fala: “pô, que cara grosso”. Vai lá bater! Vai lá para ver o tamanho que fica o goleiro! Porque, na televisão, o goleiro parece desse “tamaninho”, mas quando você está na frente dele, o bicho está com oito metros de comprimento, oito de largura, é por isso que as pessoas perdem.

Então, quando o Aloizio Mercadante tem que votar uma coisa, ele não vai conversar com o companheiro do comitê de fábrica da Volkswagen, ele vai ter que conversar é com o Bornhausen. Quando o Arlindo Chinaglia quer votar uma coisa, ele não vai conversar com alguém que é favorável, ele vai ter que convencer os contras. E aí o jogo é complicado, e aí o jogo é difícil, e aí é que é preciso a compreensão das pessoas que fazem política, para não achar que é um simplismo muito grande.

Eu estou dizendo isto para chegar numa coisa mais importante: orgulho total e absoluto quando eu venho aqui. Porque eu ouvi o Marinho falar de emprego, ouvi o Feijóo falar de emprego, ouvi o Grana falar de emprego, é tanto emprego que eu já estou cansado de trabalhar, aqui. Mas a verdade, meus companheiros, é exatamente essa. O que nós criamos de empregos, em 36 meses, não foi criado nos oito anos.



Eu fui um dirigente sindical importante neste país, Meneguelli foi um dirigente sindical importante neste país, Guiba foi um dirigente sindical importante neste país, Vicentinho foi um dirigente sindical importante neste país. Eu estou dizendo apenas dos que já passaram pela presidência e o Marinho foi um dirigente sindical importante neste país.

Meu caro João Felipe, você que é presidente da CUT, dois terços das nossas vidas, dois terços da minha, do Meneguelli, do Guiba, do Vicente e do Marinho, mais recentemente, foi correr atrás de prejuízo.

Quem está lembrado, aqui, quantas vezes a gente ia para a porta da Mercedes, não para falar de empregos, para chorar o desemprego. Quem está lembrado de quantas assembléias na porta da Ford? Quem está lembrado de quantas assembléias na porta da Volkswagen? Quantos milhares de trabalhadores mandavam embora e a gente ficava chorando, lá, o tempo inteiro, sem saber o que fazer. E não tinha o que fazer. Havia uma modernização, uma reestruturação produtiva, crise, e mandavam embora. E a gente não tinha o que fazer a não ser a homologação. Você mesmo, Feijóo, foi um que foi mandado embora numa das greves. E, aqui, talvez, quantos companheiros foram mandados embora. E a gente não tinha o que fazer. Foram anos e anos em que essa categoria foi perdendo trabalhadores Tarso, não apenas aqui. Osasco e o Jorginho podem dizer quantas metalúrgicas foram fechadas no Brasil inteiro. Hoje, eu posso dizer com orgulho, não apenas a categoria metalúrgica, mas como eu estou aqui, posso dizer. Hoje – quero que o Grana precise os números dele – porque, hoje, eu acho que só na categoria metalúrgica nós devemos ter mais de 300 mil empregos criados desde janeiro de 2003.

E o dado melhor é São Bernardo. Para a gente não ir para outro lugar, vamos, aqui, em São Bernardo do Campo. Quantos empregos foram criados só nos últimos meses aqui? Para a gente pegar treze meses, sabe qual é o saldo positivo entre demitidos e admitidos em treze meses? Nove mil trabalhadores.



Há quanto tempo a gente não ouvia falar em contratar nove mil trabalhadores. Você, João, que foi presidente do Sindicato de Santo André, há quanto tempo você não ouvia falar da contratação de 100, tinha desaparecido da nossa cabeça, da nossa visão, a imagem daquelas placas: “precisa-se de trabalhador”. Hoje, de vez em quando, eu passo, eu vejo, eu falo: “puxa, vida, voltamos aos bons tempos em que os trabalhadores são lembrados”. E vai melhorar. Escutem o que estou dizendo para vocês: vai melhorar. Porque esse final de ano será melhor, e o ano que vem será melhor ainda. E outros anos, se Deus quiser, serão melhores.

Eu espero que vocês convidem o Tarso Genro para vir fazer um debate aqui sobre política, que o Aloizio Mercadante possa vir aqui, durante o congresso, debater economia. Porque tem algumas coisas engraçadas que é preciso valorizar.

Nós, aqui, fizemos 41 dias de greve, e vocês já fizeram até mais depois disso. Nós voltamos a trabalhar sem absolutamente nada, nada. Quem está lembrado? Nada. Voltamos a trabalhar e ainda perdemos os dias. E ainda muitos companheiros perderam o emprego. Mas a gente não baixou a cabeça.

Então, nós aprendemos a valorizar. Possivelmente, determinadas pessoas, muitos jovens, não têm noção do que que é fazer uma greve de 41 dias, voltar a trabalhar sem absolutamente nada, sabendo que no mês seguinte tem conta de luz, conta de água, tem aluguel para pagar, e que a gente não tem dinheiro. Leva um ano para a gente se recuperar ou mais.

O que aconteceu nesses últimos anos, João Feliz? Você, como presidente da CUT. Você, companheiro Jorginho, e outros companheiros? Oitenta e cinco por cento dos sindicatos, neste país, este ano, fizeram acordo – o Oswaldo está ali, do Dieese, que é o Sindicato, está ali – 85% das categorias fizeram acordos ou pelo IPCA ou acima da inflação. Vocês pensam que isso é pouca coisa? Não é, não.



A gente acha que a água é ruim, quando a gente chega em casa, na torneira, e bebe: “essa água não presta”. Ah, mas se vocês tivessem que ter ido no açude, pegar água com cocô, com caramujo e tomar suja, vocês iam falar que “essa água é muito boa”.

Então, 85% das categorias de trabalhadores neste país terem aumento real de salário não é pouca coisa. E eu acho que isso deve ser motivo de orgulho para vocês. Deve ser motivo e, de vez em quando, eu vejo umas faixinhas por aí, até dentro da Volkswagen eu vejo faixinhas. Tem que enfrentar o debate com essa gente, tem que politizá-los. Precisa mostrar para eles onde nós chegamos.

Jorginho, uma coisa importante, a Volkswagen está em greve, a peãozada recebeu uma oferta de R\$ 4.664,00 de participação nos lucros, eles não querem, querem R\$ 5.500,00. A Mercedes-Benz já deu R\$ 6.200,00; a Scania já deu R\$ 6.400,00; a Ford já deu R\$ 5.000,00, e a Fiat, em Betim, só deu R\$ 1.300,00. E ainda a turma, aqui, é chamada de “pelego”, a turma, aqui, é chamada “social-democrata”.

Eu falo isso porque eu sei o que custa isso aqui. Eu sei o sacrifício da gente conquistar uma migalha, porque foi pela campanha da reposição salarial, em 1977 que a gente conseguiu levantar um pouco mais a cabeça.

Então, eu fico orgulhoso de ver esses companheiros todos participando de uma coisa extraordinária. Hoje eu recebi uma notícia boa, Feijóo. Nós estávamos esperando, Jorginho, companheiros, sabem o que nós estávamos esperando? Que em dezembro a gente atingisse 112 bilhões de exportação. Atingimos hoje, Tarso. Atingimos hoje.

Parece pouco, mas estamos com um superávit de 41 bilhões. Quando nós entramos, sabem qual era o superávit? 13 bilhões. Sabem por quê? Porque tinham caído as importações em 11 bilhões. Na verdade, o superávit era de 2 bilhões. E vocês sabem o que isso significa: significa geração de empregos, significa geração de renda.



É por isso que vocês estão nessa posição confortável, de achar que quatro é pouco e quer cinco; de achar que cinco é pouco e quer seis. Mas eu acho que é assim mesmo. Não pensem nunca que eu vou achar ruim quando um pessoal faz greve dizendo: “Eu quero mais”. A vida da gente é para querer mais. A única coisa que a gente pode querer só de uma vez é a mulher da gente, não se pode querer duas nem três, uma só. O resto, meu caro, nós precisamos querer mais. É assim que a gente luta, é assim que a gente conquista. É esse o sentido da luta social neste país. E o que está acontecendo hoje, no Brasil? O que que está acontecendo hoje, no Brasil, que eu vou terminar dando um dado para vocês?

Eu até pedi ao Aloizio Mercadante para fazer uma coisa, porque eu não sei se vocês percebem que existe um agrupamento de gente que não gosta dessas coisas. Tem gente que não gosta do Bolsa Família, porque o Bolsa Família está gastando 7 bilhões e meio de reais para dar para pobre. Neste país, não tem que dar dinheiro para pobre. De vez em quando se fala: “poderia estar investindo no desenvolvimento”. Tudo bem, tudo bem. E as pessoas que não têm o que comer? Ou que não comem as proteínas e as calorias necessárias? O que significam 85 reais? Não significa nada para quem tem mais, mas para quem não tem nada...

Eu me lembro de uma vez em que eu saí da Vila Carioca, fui até a Avenida Dom Pedro II, num museu, pedir 5 reais emprestados – naquele tempo eram 5 cruzeiros – para minha mãe. Cinco cruzeiros eu fui pedir para um tio meu. E só tinha uma moeda para ir de ônibus. E, aí, eu não sabia onde descer. Como diz o nordestino, eu fiquei “ariado” e, aí, passei da Dom Pedro e fui lá para a Praça João Mendes. Aí comecei a chorar para o cobrador me deixar voltar sem poder pagar. Quando eu cheguei em casa, menina, que eu não trouxe os cinco cruzeiros que a minha mãe tinha tomado emprestado, o mundo desabou, porque aquilo era para comprar comida.



Então, o Bolsa Família incomoda: “Não precisa dar isso, não. Vamos fazer estrada, vamos fazer ponte, vamos fazer... Vamos emprestar não sei para quem”. “Não, é para o pobre. O pobre também tem direito a alguma coisa. E ele só vai deixar de ser pobre na hora que receber”. Incomoda.

Incomoda o que nós estamos fazendo na agricultura familiar. Você pensa que não incomoda? Eu sei que incomoda, porque, quando nós tomamos posse, a safra de 2002/2003 tinha liberado 2 bilhões e 400 milhões apenas. E nessa safra, agora, nós já liberamos 6 bilhões e 250 milhões e, se Deus quiser, vamos liberar 9. Nós tínhamos menos de 10% de assistência técnica, hoje tem os 81%.

Então, as pessoas começam a falar: “Puxa vida, mas este cara, será que é verdade que ele está querendo ajudar pobre?” Porque pobre, no Brasil, é só em época de eleição. Em época de eleição, o pobre vale mais do que o rico, mas, depois disso, o pobre... Você já viu político falar bem de rico no palanque? Só fala bem de pobre e, na hora de governar... Então, é isso.

Então, eu sei que isso incomoda. Muita gente fica irada. Esses dias, eu peguei uma matéria dizendo: “a economia vai bem, apesar do governo”, como se fosse uma coisa... sabe? Eu não estou dizendo quem foi, aí é por sua conta. Eu estou...

Agora, vejam o que está acontecendo. O Brasil, vocês, companheiros deste Sindicato, aqui, que votaram no Congresso, vão sabendo uma coisa, eu disse, esses dias, ao Tarso Genro e vou dizer para vocês, aqui: o Brasil tem duas histórias extraordinárias, é um paradoxo. Toda vez que a economia brasileira cresceu, a inflação cresceu. E toda vez que a gente exportou muito, o mercado interno caiu. Nós agora estamos fazendo um jogo combinado: a economia está crescendo, as exportações estão crescendo, as importações estão crescendo, o déficit em conta corrente está crescendo, a balança comercial está crescendo, o superávit comercial está crescendo, o emprego está crescendo, o crédito está crescendo, sobretudo o crédito consignado. Não



sei quem já tomou uma “quixerinha” emprestada, aí, mas eu sei que está fazendo sucesso aqui, no pedaço.

Pois bem, o que que está caindo nesse momento? O dólar. Como vocês não têm dólar, não têm do que reclamar. Segundo, está caindo a inflação e está caindo o custo de vida.

Então, uma cesta básica que a gente precisava, em julho do ano passado, de praticamente 70% para comprar a cesta básica, hoje está precisando de 53, ou seja, isso significa avanço. É tudo o que nós queremos? Não. Nós queremos muito mais. O juro precisa abaixar? Precisa abaixar. Precisa. O salário tem que aumentar? Precisa. A economia precisa crescer mais? Precisa. Óbvio que precisa.

Mas nós temos que aprender, também, que nós não somos aqueles – como é que a Marta disse, uma vez? – encantador de serpente. Nós não temos um programa de encantador de serpente. Vocês estão lembrados o que aconteceu, uma vez com o Plano Cruzado, depois com o Plano Bresser, depois com o Plano Verão, depois com o Plano Collor, depois com o Plano Real? Todo mundo ficou rico num dia e no outro dia acordou pobre, porque a classe trabalhadora ficou com o prejuízo. E sabe quem está pagando agora a URV de 1993 para os aposentados? Nós. Doze bilhões de reais. Os trabalhadores ganharam o Plano Bresser, os trabalhadores ganharam o Plano Verão no Fundo de Garantia e nós falamos: não tem milagre em economia, não tem mágica, nós vamos fazer, o nosso sucesso aqui é seriedade, é como a gente faz na casa da gente, a gente só gasta o que a gente pode gastar, economiza o máximo possível e vai fazendo as coisas que são prioridade. Se tiver que comprar uma blusa para Marisa ou uma blusa para o Lula, compra para o Lula, que é mais prioritário. E vamos levando a vida assim.

Então, meus companheiros, eu venho participar deste encontro, aqui, feliz da vida. Feliz porque eu acho... Olhe, eu quando fui na Cobrasma fiquei emocionado, porque este país não produzia mais trilho. Hoje este país não



apenas voltou a produzir trilhos, como tem uma encomenda de 10 mil vagões. E vai ter mais, porque logo, logo, eu vou para o Nordeste anunciar a Transnordestina, uma ferrovia que vai ligar o Nordeste brasileiro.

Os meus companheiros da Petrobras tinham dúvidas se deveriam criar uma refinaria. Está anunciada a refinaria em Pernambuco. E assim, meu caro, as coisas vão acontecendo.

O São Francisco, nós estamos com um problema. Eu não tenho muito o que fazer, porque nós nem começamos as obras ainda. O Frei mandou uma carta para mim, entrou em greve de fome. Eu mandei conversar com ele, vamos ver se a gente consegue encontrar uma solução, porque eu acho que se cada coisa que a gente for fazer, um que não gostar entrar em greve de fome, não está correto isso. De qualquer forma, eu tenho paciência de Jó, eu tenho paciência, tenho tolerância, nós vamos conversar.

Não, não são 200 mil, são 12 milhões. São 12 milhões de famílias que precisam da água e a gente vai tirar apenas 1% da água que vai para o mar, a gente vai tirar apenas 1% da água. E mais ainda. Temos um projeto, tem uma PEC, no Congresso Nacional, que é uma emenda, que a gente vai garantir 0,25% do Orçamento, por muitos anos, para revitalizar a cabeceira e o Rio São Francisco. Agora, vamos aguardar para ver o que acontece. Como Deus é mais sábio que todos nós, vamos esperar que a gente encontre uma solução.

Então, Feijózinho, eu quero terminar as minhas poucas palavras, mas muita coisa, aqui, a dona Marisa já me beliscou tanto, aqui, na perna, que eu vou descer, vou ao departamento médico, ver quantos hematomas eu tenho, aqui, na perna.

Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: podem ficar certos do seguinte, uma vez eu fui cassado, em 79, depois o ministro do Trabalho anunciou que eu ia voltar para o sindicato, eu não aceitei voltar sem vir, aqui, e prestar contas numa assembléia. Vim, aqui, vocês estão lembrados, este salão lotado, eu prestei conta e voltei para o sindicato. Agora, veja, eu não estou



discutindo reeleição. Para mim, reeleição não é minha paixão. Esta coisa, a gente não quer, esta coisa a gente constrói. Em algum momento nós vamos ter uma conversa séria, nós vamos bater, aqui, números, mostrar o que aconteceu na aérea da saúde, na área da educação, em todas as áreas, o que nós fizemos em três anos. Para quê? Para que o povo perceba se deve ou não continuar. Porque continuar, se depender de mim e da Marisa, nós vamos continuar é morando, aqui, no nosso apartamentozinho, aqui, pertinho daqui, convidado para vir à assembléia, de vez em quando, deixar dar uma palavrinha, de vez em quando.

Então, eu queria dizer para vocês, aqui, nós vamos reforçar a nossa política econômica, nós vamos fazer mais políticas sociais. Podem ficar certos do seguinte: como vocês nunca se arrependeram de ter me eleito um dia presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, vocês nunca se arrependerão de um dia ter me eleito presidente da República deste país. Podem ficar certos.

Quero terminar dizendo o seguinte: olhe, se depender da minha vontade de dialogar, de conversar, eu não medirei esforços para tentar negociar com o Frei para ver se a gente consegue encontrar uma solução, ou seja, eu já fiz greve de fome, eu sei o que é isso, quem me ajudou foi o dom Cláudio, que me convenceu a parar com a greve de fome. E eu acho que a greve de fome é judiar do próprio corpo e eu acho que nós temos que encontrar uma saída.

No mais, gente, eu posso dizer para vocês que Deus abençoe, que tenha um bom congresso e que o debate seja muito forte.